

FIRST INTERNATIONAL MEETING OF ISSOW

Work, Social Change and Economic Dynamics: Challenges for Contemporary Societies

27-28 November 2014 :: Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Lisboa

Theme 4) Labour Market, Flexibility and Precariousness

Identidade e trabalho: um estudo com trabalhadores do setor informal de Porto Velho, RO, Brasil

Débora Laís Silva de Oliveira

debora__lais@hotmail.com

Universidade Federal de Rondônia/UNIR

Vanderléia de Lurdes Dal Castel Schindwein

vdalcastel@gmail.com

Universidade Federal de Rondônia/UNIR

Resumo

Este artigo tem o objetivo de compreender como se constitui a identidade social no trabalho de “Camelôs” da cidade de Porto Velho, localizada ao sul da Amazônia brasileira. O contexto do mundo globalizado, do qual as relações comerciais acabam por reduzir as barreiras geográficas e facilitar o trânsito de mercadorias; bem como permite o contato entre outras culturas, outras compreensões sociais que constituem a subjetividade de indivíduos inseridos em outro contexto. Nessa compreensão o estudo privilegiou uma abordagem qualitativa, utilizou-se como técnica entrevistas individuais com questões semiestruturadas, foram realizadas quatro entrevistas com trabalhadores do setor informal desta cidade. Como procedimento ético foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE, somente iniciou-se as entrevista após assinatura do mesmo. Observou-se que o significado do trabalho representou muitas dimensões subjetivas da vida, em primeiro lugar o trabalho representa meio de garantir a sobrevivência, e por outro lado, significa uma forma de ter saúde e relações sociais, também uma realização pessoal.

Palavras chave: Identidade Social; subjetividade e trabalho informal.

Introdução

As transformações econômicas, produtivas e políticas no Brasil, em curso desde os anos 1990, favoreceram uma crescente informalidade no trabalho, sem uma estrutura organizacional mínima. Estas novas configurações criam novas vulnerabilidades sociais. É neste cenário atual, que o trabalho informal surge como uma possibilidade de reinclusão social e um modo de corrigir as mazelas do sistema econômico.

O trabalho informal constitui-se hoje como uma primeira experiência, e ainda, como alternativa encontrada para inserção no mercado de trabalho. Para a maioria daqueles que já exerceram outras atividades ocupacionais, pode-se inferir que trabalho informal é uma das possibilidades para a sua re(inserção) social a partir do trabalho.

Segundo documento da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2010), conceitua-se o setor formal como setor tradicional e o setor informal como um setor moderno, “(...) uma vez que o

setor informal é entendido como fenômeno moderno e resultado do processo de urbanização”. Compreende-se a informalidade como “(...) uma maneira de fazer as coisas” e, as atividades informais envolvem tanto empresas como indivíduos que estão inseridos na produção de bens, prestação de serviços pessoais ou no pequeno comércio.

Somente em Porto Velho, o setor formal é responsável por empregar 98.822 assalariados e o setor informal em torno de 30.548 assalariados, o que torna a taxa de informalidade de 23,61% do total de assalariados. Dentro do setor informal, têm-se os “camelôs”, vendedores ambulantes que se concentram na região central da cidade. Nesta região a informalidade passa a representar uma importante fonte econômica responsável pela subsistência de muitas famílias. Sendo assim, o trabalho informal contribui para o setor econômico do país, mas ainda não possui uma política de proteção social ao trabalhador, situação que expõem esta população aos riscos de acidente, adoecimento e morte.

Neste sentido, o estudo teve como objetivo compreender como se constitui a identidade social no trabalho dos “camelôs” da cidade de Porto Velho, assim como conhecer a percepção dos trabalhadores sobre a importância da sua atividade para a economia de Porto Velho.

Metodologia

O estudo desenvolveu uma metodologia de caráter qualitativo (Minayo, 2007), privilegiou uma abordagem qualitativa, propondo-se a fazer entrevistas semiestruturadas, com roteiro predefinido, com trabalhadores de duas praças da cidade de Porto Velho, Rondônia, Brasil. Os participantes da pesquisa de campo foram sujeitos maiores de 18 anos, vendedores lotados em ambas as praças com barracas artesanais, improvisadas na parte central da cidade.

Mediante assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram realizadas quatro entrevistas, nas quais foi possível colher os depoimentos. Para a sua execução, foi apresentado os objetivos do estudo ao líder do grupo, sendo imediatamente autorizada a inserção do pesquisador entre os trabalhadores da praça.

Ainda, utilizou-se de observações no diário de campo. Visto ser esse um instrumento de registro do cotidiano das práticas observadas. Para Haguete (1997), a observação de campo consiste em uma técnica de coleta de dados, que abrange a possibilidade de compreensão do meio ao qual o

objeto de pesquisa se insere. Em suma, é uma técnica que consiste em observar as interações sociais, os modos de relações que se estabelecem entre os sujeitos.

Para a análise das entrevistas foi utilizada a Análise Temática (Bardin, 2011), partindo-se da divisão do texto em unidades de significado, o que possibilita a construção de uma compreensão psicológica acerca das vivências no trabalho. A técnica permitiu, a partir das entrevistas, compreender a importância do trabalho na constituição do sujeito.

A discussão apresentada a seguir está fundamentada nos relatos de trabalhadores que se dispuseram a falar sobre seu trabalho e o sofrimento/prazer envolvido no processo de trabalho destes trabalhadores que se situam numa economia informal da cidade. Por questões éticas todos os participantes serão chamadas por nomes fictícios.

Setor Formal e Informal: definições

O Brasil, apesar de sua amplitude e riquezas, ainda é um país em desenvolvimento. Dentre um dos fatores que mensuram o desenvolvimento de um país têm-se as atividades humanas referentes à produção, distribuição, troca e ao consumo de bens e serviços deste país, ou seja, o sistema que consolida sua economia. A economia é determinada pela dinâmica de produção. Produção esta que consiste em diversos fatores de produção da qual a terra representa, de forma ampla, todos os recursos naturais; o trabalho, toda forma de intervir no processo de transformação de recursos naturais, e; o capital condiz aos recursos materiais e imateriais envolvidos nesse processo. Tais fatores acabam por ter finalidades específicas de satisfazer necessidades humanas quanto aos bens (objetos produzidos) e serviços (realização de uma tarefa/um trabalho prestado).

Desta maneira, a atividade econômica é designada pela riqueza gerada através de uma extração, transformação e distribuição de recursos naturais, bens e serviços, a fim de satisfazer as necessidades humanas. E, na economia moderna, há a divisão da atividade econômica em três setores: primário, secundário e terciário. Respectivamente, extração e produção dos recursos naturais; transformação destas matérias primas em bens de produção ou de consumo, e; serviços prestados.

Quanto ao reconhecimento das divisões destas atividades econômicas tem-se a formalidade e a informalidade. A OIT (2010) buscou, a partir de conceitos e estudos elaborados pelo pesquisador Salas (2003), explicar como se constituía a informalidade. E assim, afirma que a informalidade “é uma maneira de fazer as coisas” e, as atividades informais envolvem tanto empresas como indivíduos que estão inseridos na produção de bens, prestação de serviços pessoais ou no pequeno comércio.

Então, tem-se o formal como aquele submetido às políticas públicas e sujeito ao pagamento de impostos do segmento. E, o informal como aquele que não pagam impostos e realiza atividades marginais ao próprio sistema (Salvitti, Viégas, Mortada & Tavares, 1999). Mas, mesmo com a sonegação de impostos, o setor informal acaba por ser funcional e promotor do desenvolvimento, pois, ao promover a circulação de mercadorias, estimulam os setores de produção formais (Cacciamali, 1991).

Em suma, às compreensões do que se entende por setor informal, é de setor que apesar de estar à margem da sociedade e de não pagar impostos, tem sua importância na economia reconhecida e é, por essa razão, denominado de moderno.

Os trabalhadores informais, “ambulantes” ou “camelôs”

A região do estudo está localizada no estado de Rondônia, no maior país da América Latina e o quinto maior país do mundo. Com o litoral de 7.491 quilômetros, é delimitado pelo Oceano Atlântico e 10 outros países. Tem 26 estados federados e o Distrito Federal. Seu território é dividido em 5.570 circunscrições territoriais dotadas com administração, em partes, autônoma, limitada pela Constituição Federal (Brasil, 1988), denominados de municípios.

Rondônia situa-se na região norte do Brasil, tem em seu território um dos mais ricos ecossistemas do mundo: a Amazônia. E, é na Região Norte, ao sul da Amazônia brasileira, no estado de Rondônia, que está localizado a cidade de Porto Velho, capital desta unidade federativa. Fundada em 1907, Porto Velho tem em sua história muitos ciclos de economia que trouxeram muitos migrantes ao estado, ciclo da borracha, do ouro, da cassiterita e desde 2007 duas usinas hidroelétricas estão em fase de construção no Rio Madeira: Jirau e Santo Antônio. Sua economia baseada na agropecuária movimentou os setores do comércio e indústrias, tem

aproximadamente 1,6 milhões de habitantes. É um dos estados que tem em sua fronteira a Bolívia, principal fornecedor na comercialização de produtos importados de outros países.

No ano de 2010, a Prefeitura municipal de Porto Velho, a fim de regularizar o trabalho dos “camelôs”, constrói um espaço com 290 boxes para que, tais vendedores, pudessem ter um espaço fixo e próprio para realizarem suas atividades. Bastava-se cadastrar e pagar, mensalmente, uma quantia simbólica de aluguel, equivalente a, aproximadamente, 40 dólares. O espaço denominava-se Shopping Popular Rio Madeira, lócus que movimenta a economia informal da cidade e constitui o meio de subsistência de muitas famílias que veem neste trabalho formas de inserir-se no comércio local.

Com a construção de duas usinas hidroelétricas no rio madeira houve um crescimento populacional da cidade, assim como um aceleração da movimentação e do crescimento econômico. E a isso, agrega-se o desmatamento das florestas primárias; o alagamento de áreas programadas, seguido de realocação de comunidades ribeirinhas; houve, também, alagamentos em áreas não previstas. Algumas destas, ao se represar água para formar o reservatório e, outra parte, em 2013 quando o nível do rio subiu.

Ainda não se sabe ao certo se houvera falhas nos estudos realizados anteriormente a construção das usinas, mas, percebe-se um comportamento anormal do rio quando, em 40 dias, subiu cerca de 20 metros. Com isso, algumas regiões ao centro da capital também foram alagadas, entre elas, a região do Shopping Popular Rio Madeira.

Segundo relatos dos vendedores “Camelôs”, a prefeitura chegou pela manhã e informou aos presentes que na manhã seguinte, as águas do rio iriam invadir o espaço, portanto, era para que todos saíssem e levassem suas mercadorias. Não houve auxílio nem organização alguma. Apenas a drástica e incerta informação. Aos que não acreditaram ou não se encontravam na hora em que a informação fora anunciada, restou perder as mercadorias.

Como espaço provisório, os vendedores montaram bancas feitas de madeira e lona em duas praças localizadas na região central da cidade: Praça Marechal Rondon, conhecida como “Praça do Baú” e Praça Jonathas Pedrosa.

Quem és tu? Identidade Social e reconhecimento

Quem és? Como se dá a compreensão da identidade? Ciampa (1987), em seus estudos e pesquisas a respeito da temática, responde que identidade é algo complexo e transitório, algo que não é concreto e imutável. No entanto, é simples sintetizar à que se refere. “‘Quem sou Eu?’ Quando esta pergunta surge podemos dizer que estamos pesquisando nossa identidade.” (Ciampa, 1997).

Jacques (2012), ao falar sobre identidade, resgata que a música e a arte também possuem a finalidade de expressar uma necessidade individual de busca e construção da identidade. Isso porque, questões cotidianas remetem-nos a responder “quem és”. Porém, as respostas podem ser variadas ou ser a mesma resposta de sempre, e o conteúdo, incapaz de atribuir veracidade. Visto que, o emprego do termo pode variar desde o conteúdo subjetivo que o formula até o campo de conhecimento que o define. Uma vez que o contexto é capaz de reposicionar subjetivamente um sujeito, e onde ele era, pode não o ser mais. Diante de uma família reunida com os amigos de trabalho da mãe, ao perguntarem “quem és”, a resposta pode aparecer “sou o João, filho de Maria”. Jacques (2012), afirma que a identidade se valida das personagens que a pessoa vivencia em determinados espaços e relações. De acordo com a autora, “Os papéis sociais são abstrações construídas nas relações sociais e que se concretizam em personagens; (...) Os papéis sociais caracterizam a identidade do outro e o lugar do outro no grupo social (...)” (Jacques, 2012).

A identidade implica processualidade, metamorfose, é um constante “estar sendo”, embora se represente com aparência de “ser”. Refere-se a movimentos, que dizem respeito à singularidade humana, assim como existem as identidades: social, étnica, religiosa, de classe, profissional, política, etc., que interagem na forma de o homem ver o mundo, de vivenciá-lo emocionalmente e de comportar-se dentro dele em relação a outras pessoas (Jacques, 2012).

A identidade social é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm história no curso das quais emergem particulares identidades. Estas histórias,

porém, são feitas por homens com identidades específicas. As estruturas sociais históricas particulares engendram tipos de identidades, que são reconhecíveis em casos individuais (Berger; Luckmann, 2002).

Mas, como é que a identidade se expressa através do trabalho? Que atividade é esta, especificamente humana, a que chamamos de trabalho? Começemos a esboçar esta questão pela via do trabalho. Sobre esta compreensão o item a seguir irá tratar.

O que se entende como trabalho e o significado para os “camelôs”

Sabe-se também das diversas compreensões que se pode ter a partir da palavra trabalho. Aqui, considera-se a definição marxista de trabalho. Por essa razão, a concepção que se tem de trabalho é como um processo em que, o Homem e a Natureza participam. O ser humano, com suas próprias ações “impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a Natureza” (Marx, 1988). E assim, através da força realizada pelo corpo humano, com a finalidade de apropriação dos recursos naturais, dá-se a tais recursos uma forma útil.

Marx (1988) ainda, afirma que essa ação exercida pelo Homem, acaba por, também, promover a modificação da natureza do sujeito que age. E tal sujeito, ao chegar ao mercado de trabalho vende sua força de trabalho. Hoje, não mais como ser primitivo, vende-se a ação que tanto transforma o meio quanto o sujeito que age. De modo racional, pois se considera que trabalho é exclusivamente algo humano.

E, ao se resgatar o significado da palavra trabalho em português, tem-se como origem a palavra *tripalium* (em latim). “*Tripalium* um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-lo e esfiapá-los. A maioria dos dicionários, contudo, registra *tripalium* apenas como instrumento de tortura, o que teria sido originalmente, ou se tornado depois. A *tripalium* se liga ao verbo do latim vulgar *tripaliare*, que significa justamente torturar.” (Albornoz, 1986).

Por torturar, Albornoz (1986) define o trabalho como uma atividade “penosa, contudo, necessária” com conotação de algo que faz padecer e aprisionar. O depoimento do estudo realizado entre os “camêlos” em Porto Velho, Pedro descreve a representação do significado do

trabalho neste momento: “*a última enchente deu muito trabalho*” (Sic), refere-se a trabalho como sinônimo de preocupação, desgosto e aflição.

Albornoz (1986) define como trabalho, a atividade humana, consciente e intencional. Que se utiliza de ferramentas, instrumentos e organização social. É mais complexa e sofisticada. Possui significado ativo de um esforço desejado e afirmado com finalidade de realizar algum objetivo. Quando objetivo realizado, este passa a denominar-se obra, ou também, trabalho.

Dentro da compreensão da Psicodinâmica do Trabalho de Dejours, tem-se como trabalho o preenchimento da lacuna existente entre o prescrito e o efetivo. Portanto, o trabalho pode ser definido como “aquilo que o sujeito deve acrescentar às prescrições para atingir os objetivos que lhe são confiados” (Dejours, 2012). E, mesmo que aquilo que está prescrito a ser colocado em prática não dê certo, trabalho é alcançar o objetivo pelas vias criativas e possíveis.

Agora já podemos responder nossa pergunta realizada acima, no último parágrafo do item anterior sobre a relação entre o trabalho e a identidade, visto que, concebe-se o trabalho com importante papel na constituição da identidade social. Se partirmos do entendimento de que a identidade é presentificada através de papéis, então o trabalho é portador de um personagem que toma a forma de ser trabalhador (aquele que trabalha).

Dessa forma, o trabalho contribui para o desenvolvimento destes papéis, na medida em que a ação de trabalhar tem um caráter de um processo social realizado coletivamente e que determina as relações de comunicação entre sujeitos. Este contato imediato com o outro se dá através do afeto no latim *affectare* tem um sentido de afetar, tocar o outro, ambos transformam-se na realidade concreta. Concreto no latim *concrecere* tem um significado de crescer, formar-se. É neste circuito que homem se transforma: sujeito - objeto (meio, outro...) - significado. Em contato com o objeto ele cria significado para si e se transforma (Codo; Sampaio & Hitomi, 1994).

Em suma, o trabalho representa uma importante dimensão da vida humana e significa para o trabalhador, não apenas um meio de sobrevivência, mas o torna humano e o inclui na sociedade, afirmando, desta maneira, sua identidade psicossocial. O seu significado envolve a dimensão subjetiva, traduz-se como uma forma de expressão que tem no sujeito sua matriz, ou seja, o

trabalho elucida as formas de como o sujeito se expressa e significa as experiências que compõem sua vida e seu cotidiano de trabalho (Tittoni, 1994).

Para melhor compreender o significado do trabalho para os “camelôs”, apresentam-se alguns depoimentos abaixo do sentido dado por eles ao ato laborativo: “*Pra mim a gente trabalha primeiro pra sobreviver e ter alguma coisa pra sobreviver bem (...)*” (Paulo); “*A gente trabalha pra viver, pra poder ter, depende do trabalho pra gente funcionar e tocar a vida, né. (...)*” (Márcia).

Na tabela 1, apresenta-se o significado dado ao trabalho pelos trabalhadores, observou-se que o trabalho para eles adquiriu um sentido de sobrevivência, com 19% das respostas, a saúde aparece com 16% das indicações, seguida da importância das relações sociais e dinheiro com 14%. Já o reconhecimento e autoestima representam 11% e família com 9%, ainda descreveram o sofrimento em 4% e outros significados com 3%.

Tabela 1: Significado do trabalho para os “camelôs”.

Significado do trabalho	Porcentagem (%)
Sobrevivência	19
Saúde	16
Relações Sociais	14
Dinheiro	14
Reconhecimento	11
Autoestima	11
Família	9
Sufrimento	4
Outros	3

Fonte: Depoimentos dos camelôs/2014.

Sobre esse sentido dado ao trabalho pelos trabalhadores “camelôs”, Tamayo (1994), enfatiza, em seus estudos dos valores característicos da cultura brasileira, que a referência primeira à sobrevivência é sugerida como sendo específica, por causa dos altos índices de desemprego e das condições nas quais o trabalho é realizado no País. Tamayo e Schuwartz (1993) mostraram que,

efetivamente, o valor trabalho não é visto pelos brasileiros como uma forma de auto realização nem como a satisfação de uma necessidade pessoal, mas como um meio para garantir a subsistência da família.

Observou-se que em todos os depoimentos o trabalho é importante por ser dele que se tira a subsistência para viver. Algumas expressões caracterizam a importância do trabalho que desenvolvem: *“se eu não trabalhar não consigo viver. Eu consigo sustentar toda a minha família com meu trabalho de ‘camelô’. E estou feliz!”*(João); *“O trabalho, acho que o ser humano sem trabalho, faz o que? Né?! Depende do trabalho pra sobrevivência”*. (Maria).

O significado do trabalho enunciado pelos trabalhadores expressam sentimentos ambivalentes, representa um meio de sobrevivência, e por outro lado, significa uma realização pessoal, e/ou uma identidade psicossocial. João descreve estas duas dimensões do trabalho: realização e sobrevivência: *“Bom, a importância do meu trabalho, o meu trabalho é divertimento pra mim, né? É única coisa que eu sei fazer: é trabalhar, né?! E se eu não trabalhar, eu não consigo viver”*.

Quanto à jornada de trabalho, observou-se que todos tem uma extensa jornada de trabalho, em torno de 12 horas por dia, de segunda a sábado e, aos domingos, 8 horas. E, quanto ao tempo médio na atividade é de 22 anos na mesma atividade.

Os trabalhadores relataram que não tem nenhum tipo de relação com a prefeitura, nem a existência de uma representação coletiva. E 50% deles chegou a expressar satisfação de não terem sido incomodados pelo poder público por estar nas praças.

Quanto às mudanças após a cheia do Rio Madeira, percebeu-se desapontamento devido à forma em que foram retirados, ou melhor, se retiraram do espaço Shopping Popular, bem como o descaso que atualmente são tratados, pois, após oito meses de mudança de espaço, improvisado, nada fora feito. Além do descaso, a atual localização gera desconforto, insegurança e desgaste físico. Isso porque, os vendedores precisam, diariamente, guardar as mercadorias em baús com cadeados e vigilantes, quando não, levá-las para casa. E, no início da jornada de trabalho, precisam chegar mais cedo para ornamentar a barraca, o que pode levar até duas horas e meia.

Embora expressem a condição de invisibilidade para a prefeitura, apontam que a renda melhorou nas praças, no entanto, o ônus da estrutura não têm valido a pena.

Ao se referir à renda mensal, alegam ser suficiente para a subsistência, no entanto, insegura. Não se pode mensurar o lucro mensal, portanto não se pode contar com uma renda fixa e alegam isso como um fator negativo.

Quanto à referência a saúde, 75% dos trabalhadores afirmam que já adoeceram no trabalho e correlacionaram às condições de trabalho. Mas, ao perguntar se os entrevistados se sentiam reconhecido no seu trabalho? A resposta foi positiva e unânime. Declaram que sua atividade de vender, agradar aos clientes com as mercadorias e ser autônomo, é gratificante.

A cheia do Rio Madeira afetou a todos, entre os “camelôs” vendedores de roupas e calçados, havia os que vendiam alimentos tradicionais da região como: tapiocas, vitaminas de frutos da Amazônia e outros. Para mostrar os efeitos da enchente de 2014 na região, os depoimentos abaixo expressam estas vivências que para uns foi positiva para outros foi negativa.

(...) depois da enchente pra cá mudou muita coisa... Não só pra mim como eu acho que pra todo mundo... acho que pra todo mundo (...). Porque o comércio enfraqueceu pra todo mundo (Pedro); Foi po-si-ti-va. (foi positiva). Negativa é se voltar pra lá (Maria); O transtorno foi muito grande pra todos nós que trabalhava, não é só pra nós que trabalhava ali, mas pra região toda ali, né?(Joana); “Ah eu fiquei triste né minha filha? Porque, lá eu estava bem, eu estava trabalhando direito. Eu vendia mais coisas. Agora (...)” (José); “Eu vendia tapioca, eu fazia bolo. Eu fazia o que? Eu fazia misto. Vitamina de frutas. E todo tipo de refrigerante eu tinha. Mas agora... eu não tenho mais nada. Só tenho esse pouquinho. E acabou. Eu estou aqui só pra sobrevivência, sabe? E tá muito... (balançou a cabeça negativamente). A Venda daqui tá parada, não tá muito bem não pra gente (...)” (Maria).

As rupturas com a enchente repercutem no dia a dia dos trabalhadores, nos modos de vida e trabalho. Sato (2003) enfatiza que qualquer situação de ruptura entre homem-trabalho-identidade, poderá representar um fator de desequilíbrio para a esfera do psicológico humano. Psicológico no sentido descrito pela autora, das disposições individuais, a expectativas, a jeitos de ser e a ritmos individuais, que se expressam na relação com o mundo.

A subjetividade no trabalho se expressa através do sentimento de reconhecimento que nem sempre é obtida pela via do trabalho. As contradições se expressam no relacionamento entre trabalhadores e clientes, nem sempre essa relação ocorre sem tensões, Joana enfatiza:

Ah! Eu vivo doente no trabalho. Porque na verdade esse é o tipo de trabalho um tanto estressante, porque você atende muitos tipos de pessoas, pensamentos

diferentes. Uma hora, um chega fica satisfeito pelo jeito que você recebe e pela mercadoria que você oferece preço. Outro já chega te chama de ladrão. Diz que 'cê' está roubando, esses bandos de ladrão. Essas coisas que ofendem. Machuca a gente que está se esforçando, que tá trabalhando (...), de repente a pessoa chega e reclama do preço da mercadoria que você oferece o que você pode, a pessoa.. aí é tido como ladrão (...). Vai roubar lá nos infernos. E isso não é justo, né?! Então isso realmente deixa a gente mal, né?! Aí vai acumulando e os nervos vão todos ficando pra flor da pele. (Joana).

Joana diz que seu trabalho tem impactos na subjetividade e no próprio corpo, limitando a autonomia e o reconhecimento no trabalho e tornando-se fonte de mal-estar, sofrimento psíquico e adoecimento no trabalho. Para Dejourns (2012), a possibilidade de o trabalhador contribuir com seu conhecimento e inteligência para o aprimoramento dos processos de trabalho é a forma de superação e transformação do sofrimento em prazer. Afinal, o que mobiliza e motiva as pessoas para o trabalho é a retribuição simbólica pela contribuição que trazem à produção.

Conclusão

A representação social de “camelôs” que essa categoria tem, perpassada pelo trabalho que exercem, constitui sua identidade social. Isso porque, a identidade está correlacionada aos fatores sociais e às representações que, apesar de precário, o trabalho que exercem representa. Pois, por meio deste, é possível perceber expressões das subjetividades bem como das identidades de cada indivíduo.

Observou-se através dos depoimentos que o trabalho, a subjetividade e a saúde não podem ser compreendidos separados do contexto de como os trabalhadores constroem suas condições objetivas de existência.

As políticas públicas de proteção social devem contemplar em suas ações os trabalhadores do setor informal expostos aos riscos das atividades desenvolvidas (acidentes, doença e morte). Ou seja, deve-se refletir sobre a necessidade destas ações serem efetivas em suas inter-relações, não uma condição temporária, mas em modo de vida permanente, que os fortaleça como sujeitos de sua história.

Bibliografia

- Albornoz, Suzana. (1986). *O que é trabalho*. São Paulo: Brasilense.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- Berger, P.; LUCKMANN, T. (2000). *A construção social da realidade*. 21.ed. Vozes. Petrópolis.
- Ciampa, A.C. (1997). *A estória do Severino e a história da Severina*. Brasiliense.
- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo: trabalho e emancipação - Vol. 2*. Brasília: Paralelo15. 2012.
- Codo, W.; Sampaio, J.; Hitomi, A. (1994). *Indivíduo, trabalho e sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, pp.187-206.
- Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- Haguette, T. M. F. (1997). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- IBGE. (1999). *Economia informal urbana 1997*. Departamento de Emprego e Rendimento – Rio de Janeiro: IBGE, 1999.
- IBGE. (2014). Disponível em <
<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=110020&search=rondonia|porto-velho|infográficos:-evolução-populacional-e-pirâmide-etária> > . Acessado em outubro de 2014.
- Jacques, Maria da Graça Jacques. (2012). Identidade. In: *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto / Marlene Neves Strey*. 1/2 18. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, pp 158-166.
- Marx, Karl. (1988). *O capital: crítica da economia política*. Victor Civita, v.1, t.1.
- Minayo, Maria Cecília de S. (1993). *O Desafio do Conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO.
- Ministério do Trabalho e Emprego. (2013). *Transição da economia informal para a economia formal: o papel da Inspeção do trabalho*. Disponível em <
http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/doc/sebraetres_1132.pdf >. Acesso em: Novembro de 2014.
- Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, 2005. Disponível em <
http://www.cemig.com.br/pt-br/A_Cemig_e_o_Futuro/sustentabilidade/nossos_programas/ambientais/Documents/RIMA%202014%20-%20Relat%C3%B3rio%20de%20Impacto%20Ambiental.pdf >. Acesso em: outubro de 2014.
- Salvitti, A.; Viégas, L. S.; Mortada, S.P. & Tavares, D. S. (1999). *O trabalho do camelo: trajetória profissional e cotidiano*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2, 1-23.
- Sato, Leny. (2003). Subjetividade, saúde mental e LER. In: Ruiz, R.C. et al., *Um mundo sem LER é possível*. Del Sur, Montevideu- Uruguai, pp. 62-78.
- Sherer, André Luís Forti. Globalização. (2002). In: Cattani, Antonio David (Org.). *Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia*. 4.ed.rev.ampl. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. Da EFRGS.
- Tamayo, A. (1994). Hierarquia de valores transculturais e Brasileiros. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, v.10, n. 2, pp. 269-285.
- Tamayo, A.; SCHWARTZ, S.H. (1993). Estrutura motivacional dos valores. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, v.9, pp. 91-104.
- Tittoni, Jaqueline. *Subjetividade e trabalho*. Porto Alegre: Ortiz, 1994.